



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014

Guerra Guasú¹: abordagens jornalísticas nos portais mais acessados da Tríplice Aliança e do Paraguai²

Helton Costa³

Resumo: o presente artigo tem como objetivo analisar como o assunto “Guerra do Paraguai” é lembrado em notícias veiculadas entre 01 de maio de 2013 e 08 de junho de 2014, nos maiores portais de notícia dos quatro países envolvidos no conflito entre 1864-70. Os portais G1, El País, La Nación e ABC Color foram selecionados segundo o medidor Alexa.com, por serem os mais acessados até a data de coleta das informações. Para resgatar as notícias foram usadas palavras chaves nos buscadores dos sites e para a análise, teorias da notícia, de enquadramento e do Jornalismo. Ao final é possível ter um quadro com a importância que os jornais deram ao assunto, principalmente porque em 2014 são lembrados os 150 anos de início do conflito.

Palavras-chave: Guerra Paraguai; jornalismo; enquadramento; América Latina

Introdução

Entre os anos de 1864-70, Brasil, Argentina e Uruguai travaram uma guerra contra o Paraguai, que custou de 370 mil a 500 mil vidas, entre civis e militares. De um lado, a Tríplice Aliança, formada pelos três primeiros e do outro um país sozinho, que ao final de quase seis anos de conflito tornou-se um dos mais pobres das Américas.

Hoje a história é contada em livros com diferentes versões, algumas favoráveis aos vencedores e outras que retratam um Paraguai perdedor e vítima de barbáries dos aliados. Cento e cinquenta anos depois, muitas dessas versões estão presentes no campo social e o Jornalismo, por recortar e divulgar parte desse pensamento, acaba por trazer representações que também se aliam com essas mesmas visões históricas.

Nesse trabalho o objetivo é investigar como o assunto foi tratado nos portais de notícia mais acessados dos quatro países envolvidos e a partir daí concluir como a Guerra, encerrada há 15 décadas, tem sido lembrada para os usuários a partir de práticas jornalísticas.

Para chegar à esse objetivo, a primeira parte do artigo trata sobre o que foi a guerra. Em seguida trata-se do conceito de notícia adotado no trabalho, faz-se um breve resumo

¹ Do guarani, significa “grande”. Guerra Guasu ou Guerra Grande são também nomes da Guerra do Paraguai

² Trabalho apresentado no GP Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

³ Coordenador do Curso de Jornalismo da Secal, de Ponta Grossa/PR. Doutorando em Comunicação da UTP. Membro do Grupo de Estudos Jor XXI. Tataraneto de ex-combatente baiano da Guerra do Paraguai casado com argentina e de ex-escravo piauiense, também ex-combatente, casado com paraguaia. E-mail: h_costa@hotmail.com



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014

sobre enquadramento e dos veículos de comunicação estudados. Em seguida há a apresentação metodológica e a análise dos textos noticiosos.

1. Guerra do Paraguai

Após a independência do Paraguai em 1811, assumiu o poder no país, José Gaspar Rodríguez Francia. Sem grupos que pudessem lhe ameaçar (latifundiários, comerciantes ou traficantes de escravos), Francia governou o país até a morte em 1840.

Após a morte de Francia, foram eleitos governantes comuns para comandar a República: o cônsul militar Mariano Roque Alonso e o civil Carlos Antonio López. Os dois se revezaram no poder até 1844. Um novo Congresso decidiu por eleger Carlos Antônio López o primeiro presidente do Paraguai livre e Mariano se retirou da vida pública, morando em sua fazenda na localidade de “Ybytymí”, onde viveu até os últimos anos de vida em 1853. (MUNICIPALIDAD DE MARIANO ROQUE ALONSO, 2012⁴)

Carlos Antônio López foi o pai de Solano López, que assumiu o poder em 1862. A relação de poder existente entre Governo e povo nessa época podia ser vista com maior clareza em Assunção, uma vez que no interior os avanços eram quase inexistentes. Ter um presidente não significava a existência de uma democracia. (CAMPOS, 2011⁵)

Com a organização do Estado nesses moldes, começaram a aparecer com mais frequência os latifúndios estatais, antes reduzidos a sistemas menos abrangentes com um campesinato de subsistência. O Estado começou a “escriturar” a terra como sendo sua, em um processo de estatização que mudou mais uma vez a relação social que vinha estabelecida e mantida desde os primeiros anos pós-jesuítas no Paraguai. (POMER, 1980, p.141)

Com a morte de Carlos, o filho Solano assumiu e deu continuidade nas medidas que o pai já vinha adotando. “(...) El Estado paraguayo se había transformado en un feudo particular de la familia López” (PAGNI, 2009⁶). Porém, o segundo Lopez no poder entraria para a história como o presidente que levou o país às armas, chamada no Brasil de “Guerra do Paraguai” e em outros países de “Guerra de La Tríplice Alianza”. (ARAKAKI, 2009, p.30).

⁴ Disponível em <http://municipalidaddemarianoroquealonso.gov.py/historia.html>. Acesso em 08 de julho de 2014

⁵ Disponível em http://www.portalguarani.com/obras_autores_detalle.php?id_obras=14217. Acesso em 13 de junho de 2014

⁶ Disponível em <http://migre.me/6d5kH>. Acesso em 13 de julho de 2014.



O saldo da guerra foi pior para o Paraguai, pois, há autores que dizem que entre 90 e 95% da população masculina do Paraguai simplesmente deixou de existir depois da guerra. A agricultura perdeu braços e a economia do país ficou debilitada. Porém, outra corrente fixa esse número entre 15 e 20% da população geral do país, na época estimada em 500 mil habitantes. Pelo Brasil dos cerca de 160 mil combatentes participaram da guerra, 50 mil morreram ou tornaram-se inválidos. Os escravos, que compunham até 30% dos batalhões mandados para a guerra, só foram libertados em 1888, 18 anos após o fim do conflito, mesmo tendo lutado em uma guerra que não era deles. Dos 5.600 soldados uruguaios, vindos das estâncias dos grandes fazendeiros, estima-se que 3.100 tenham tombado nos campos paraguaios e entre os argentinos morreram 18 mil das tropas de 30 mil soldados combatentes. (MS JÁ, 20117)

Nesse trabalho, a Guerra do Paraguai é entendida como um desdobramento de disputas territoriais e ideológicas travadas pelos quatro países envolvidos, onde o Brasil exercia grande influência junto aos governos de Uruguai e Argentina e onde o Paraguai também queria participar como ator principal dentro desse quadro. (DORATIOTTO, 2002)

1.1. Guerra do Paraguai: 1864-1870

Na época da Guerra do Paraguai, grupos rivais políticos disputavam o poder central na República do Uruguai e também na Argentina. Ambos os grupos da situação tinham apoio brasileiro, que desde a década anterior vinha defendendo seus interesses na região pela força das armas. A situação piorou a partir de 1862, quando opositores dos governos argentino e uruaio ameaçaram se instalar como mandatários das Repúblicas. (SALLES, 1990, p.49-53)

Também em 1862 a Argentina foi reunificada em torno da liderança de Bartolomé Mitre sendo apoiado por Venâncio Flores – líder colorado que disputava o poder no Uruguai contra os blancos. Mitre participava da facção política que tinha interesses na unidade Argentina em torno de Buenos Aires enquanto Justo José Urquiza era líder da Confederação argentina composta pelas prósperas províncias de Enterrrios e Corrientes. Ainda assim restaram estas províncias que faziam oposição a Buenos Aires e com ligações com o Paraguai e o governo Blanco no Uruguai. Ligações que não se confirmariam com o desencadear da guerra. Os dois blocos políticos estavam assim compostos: de um lado Solano López alinhado com os blancos uruguaios e os federalistas na Argentina, liderados por Urquiza. Do outro lado estavam Brasil e Argentina juntamente com os colorados do Uruguai. Rio de Janeiro e Buenos Aires negociavam para dividir a hegemonia na região (TORAL, 2001, p.52 in LAVARDA, 2009, p.24)

Em 1864, após uma série de intervenções para conter o conflito no Uruguai entre os grupos que disputavam o poder, o Brasil decidiu por mandar tropas e invadir de vez o país

⁷ MS JÁ. Disponível em <http://www.msja.com.br/noticias/cidades/voce-sabe-o-que-significa-nhandipa-o-ms-ja-explica-confira>. Acesso em 08/07/2014.



vizinho para acabar com as contendias. Para isso usaria a força. Episódio que marca essa época é o bombardeio de Paysandu, quando a cidade é castigada por dias pela esquadra brasileira, que após solicitar a rendição de tropas dos blancos e ver negada essa possibilidade, não hesita em disparar contra o povoado, que tinha como líder Leandro Gomez. Em seguida tropas brasileiras chegam à Mointividéu. (GUIMARÃES, 2000, p.118)

Os paraguaios então pediram autorização para que tropas de Lopez atravessassem o solo argentino para socorrer os aliados do presidente do Paraguai. A Argentina negou, mas, autorizou que tropas brasileiras se deslocassem por seu território.

A provocação foi entendida como ato de guerra e em um primeiro momento o Paraguai foi quem tomou a iniciativa de combate. Aprisionou o navio Marques de Olinda que transportava o governador de Mato Grosso, Frederico Carneiro de Campos, que subia pelo Rio Paraguai rumo à Cuiabá e invadiu o atual território do Mato Grosso do Sul, na época, apenas Mato Grosso. (SALES, 2007, p.26-31)

Duas colunas paraguaias entraram no Estado por Corumbá rumo à Coxim e pela Colônia Militar dos Dourados (atual município de Antônio João, nome do oficial que comandava a colônia e que foi morto com mais 12 companheiros). (CREMONESE-ADAMO, 2010, p.83-86). Em outra frente, descendo por Corrientes na Argentina os paraguaios chegaram à Uruguaiana no Rio Grande do Sul.

É preciso ressaltar ainda a assinatura do Tratado da Tríplice Aliança, que os paraguaios ainda hoje defendem como sendo secreto (porque não foi divulgado imediatamente após sua assinatura e porque é contestada a validade das assinaturas nele presente). “Explicando melhor, o acordo foi implacável com o Paraguai e seus termos não foram submetidos ao crivo da opinião pública e nem da imprensa”. (LAVARDA, 2009, p.31)

Após a Batalha do Riachuelo, quando a Marinha brasileira se impôs sobre a paraguaia, a guerra pendeu de vez aos aliados. Outro episódio desse tempo é a rendição de Uruguaiana, quando as tropas lá instaladas sem viram cercadas pelos brasileiros e se renderam. (LAVARDA, 2009, p.31-32)

Logo, os paraguaios se viram obrigados a recuar de seu avanço em solo brasileiro e argentino. Começava a segunda fase da guerra, com uma defensiva que só terminaria em 1869 com a queda de Assunção, iniciada com a invasão aliada ao território paraguaio a partir da ilha de Itaipirú. (VAZ, 2011, p. 32)



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014

Seguem-se nos meses seguintes as batalhas de Estero Bellaco, Tuiuti (maior batalha campal da guerra, com cerca de 56 mil soldados envolvidos), Boqueirão, Sauce, Curuzú, Curupayti (vencida pelos paraguaios) e Humaitá, onde a guerra pára por conta dos brasileiros não conseguirem subir o Rio Paraguai, detidos por seus defensores. (RESTIER, 2011, p.34)

Quando os brasileiros finalmente ultrapassam a fortaleza, em fevereiro de 1868, o avanço por água e terra se torna possível rumo à Assunção. A infantaria, cavalaria, engenharia e artilharia se deslocam e em meio à essa subida, travam-se as batalhas de Itororó, Avaí e Lomas Valentinas. Por muito pouco os aliados não perdem as batalhas, mas, conseguem a vitória na série de vitórias que ficou conhecida como “dezembrada”. (LAVARDA, 2009, p.51)

Uma vez tomada Assunção, a terceira fase tem início: a caçada à Lopez, que fica a cargo do genro do imperador Dom Pedro II, Conde D’Eu. O que resta do exército paraguaio, uns poucos milhares de soldados, se une à crianças e velhos sob a ordem de Solano Lopez para tentar derrotar as tropas aliadas.

É desta fase que são as memórias mais traumáticas do conflito, como a batalha de Acosta Ñu (Campo Grande), onde Lopez em retirada deixa crianças e idosos para conter os brasileiros que vinham em seu encalço. Os paraguaios, atualmente, lembram essa data como o “Dia de lo Niño”, de tão forte a memória do massacre que ainda persiste. Acusam os brasileiros de atrocidades, ao mesmo tempo que tem o episódio como exemplo de valentia nacional, sem se dar conta que como manobra militar, a fuga de Lopez é também um ato de desespero para salvar a própria vida às custas de um exército infantil, uma escaramuça que custou a vida dos jovens enquanto lhe dava tempo para escapar.

Batalhas menores, encontros entre grupos de combate e guerrilhas foram usadas por Lopez para que esse fugisse rumo às cordilheiras de Cerro Corá, onde morreu ao tentar fugir mais uma vez, ao atravessar o riacho Aquidaban.

4.2 Relação Brasil/Paraguai no pós-guerra até os dias atuais

Após o final da guerra, os exércitos não são mais necessários e entram em cena os acordos diplomáticos para fazer com que os países vencedores consigam impor suas formas de governo. “La guerra cambia de forma y estrago. Desaparecen los ejércitos y las masas



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014

combatientes y le sucede una lucha singular entre los hombres elegidos que desempeñan las altas funciones de gobierno”. (CÁRCANO, 1941, vol. I, p. 363).

Segundo Sales (2007, p.03) as mudanças no Paraguai não se deram de uma hora para outra e o novo governo colocado pelos brasileiros deveria unir favoráveis à Lopez e novos pensamentos, que modo que o sistema de governo fosse capaz de reerguer o país, sem braços para o trabalho, já que boa parte da população masculina tinha sido morta durante os quase seis anos de batalhas.

Na disputa pelo governo provisório paraguaio se formaram dois grupos políticos: os bareiristas, liderados por Cândido Bareiro, primo de Solano López e ex-representante do governo lopizta na Europa, que somou as forças dos conservadores paraguaios; e os decouistas, liderados por Juan Francisco Decoud, candidato reformista, com ideais liberais. Paranhos realizou, então, uma reunião em Assunção com representantes dos dois círculos políticos, expondo que seria necessário que o novo governo paraguaio concordasse com os termos do Tratado de 1º de Maio de 1865, para ter o apoio do Rio de Janeiro. (SALES, 2007, p.03)

O Brasil entrou em cena para intermediar o entendimento entre os dois setores divergentes, isso porque os “decouistas” solicitaram mais tempo para um exame detalhado sobre as perdas territoriais paraguaias.

Na falta de um acordo que satisfizesse as duas partes, Paranhos solicitou a indicação de quatro pessoas do cada grupo, e se não concordassem, o Brasil instalaria um governo militar no país. (SALES, 2007, p.03)

Entre os bareiristas foram indicados Félix Egusquiza, ex-representante de López em Buenos Aires, e Bernardo Valiente; entre os decouistas foram indicados Carlos Loizaga e o próprio Juan Francisco Decoud, que veio a desistir de participar da comissão, indicando para seu lugar José Díaz Bedoya. Outro que se recusou a participar da comissão foi Loizaga, que alegou ser inimigo de Egusquiza. A comissão acabou por ser formada por apenas três membros. (SALES, 2007, p.03)

López ainda não havia sido morto, o que só ocorreria em 1870, quando os paraguaios já estavam sendo obrigados a aceitar alternativas brasileiras. Em 15 de agosto de 1869, foi estabelecida uma junta dos favoráveis ao Brasil para governar o país, desde que não servissem mais López e colaborassem para a vitória total brasileira. Argentina e Uruguai também queriam influenciar o governo do Paraguai, fato este que se intensificou após a morte de López em março de 1870. (SALES, 2007, p.05)

O acordo de 1871 decretava a paz definitiva e deixava a questão dos limites territoriais para os anos seguintes. O Brasil influenciou diretamente a eleição de presidentes



no Paraguai até 1889, quando a monarquia foi substituída pela República. (SALES, 2007, p.06). Após os dois primeiros mandados pós-retirada do Brasil, ocorreram no Paraguai até o ano de 1912, sete golpes de Estado. O primeiro a cumprir um mandato inteiro no cargo de presidente desde 1870 foi Eduardo Schaerer. (CHIAVENATO, 1980, p. 30)

Até 1939 mais quatro golpes de Estado foram registrados e até 1954 mais seis mandatos foram marcados por golpes ou renúncias. De 1954 à 1989 se instalaria no poder o ditador Alfredo Stroessner Matiauda, que só saiu do poder após outro golpe militar. (CHIAVENATO, 1980, p. 76). Em 1993 foi eleito o primeiro presidente por voto direto no país desde 1811 (Juan Carlos Wasmosy Monti). Após ele, Raúl Cubas Grau, assumiu em 1998 e renunciou 1999, acusado de envolvimento no assassinato do próprio vice. Depois deles vieram Luis Ángel González Macchi (1999), Nicanor Duarte Frutos (2003), Fernando Lugo (2008).

Essa sucessão de golpes que teve início na Guerra do Paraguai e foi se arrastando ao longo do século XX e XXI é uma demonstração da fragilidade da democracia no país, que nos poucos momentos que teve de estabilidade política foi porque estava em uma Ditadura. Dentro da democracia propriamente dita, meios legais podem ser manipulados para que o grupo hegemônico ainda que derrotado pelo voto, como no caso Lugo, retorne ao poder por brechas legais da própria Constituição. No caso Lugo, por exemplo, retornaram ao poder políticos que faziam parte exatamente do governo que o ex-bispo católico havia substituído.

3. Notícia

A notícia é entendida neste trabalho como o produto que resulta do fazer jornalístico, inserido numa cadeia produtiva da informação, como lembra Sousa (2004). O autor defende também que “qualquer teoria do jornalismo deve esforçar-se por delimitar o conceito de notícia”, o que por si só justifica a necessidade da apresentação deste conceito, atrelado ao fato de que as notícias são recortes do real. (SOUSA, 2004, p.02)

3.1 Da noticiabilidade dos fatos

Esse recorte do real precisa de critérios que façam um assunto merecer mais visibilidade que outro. Trabalhamos assim, com o conceito “critérios de noticiabilidade”, que, na descrição de Traquina (2008), são valores que os membros da tribo jornalística partilham como “conjuntos de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir um valor como notícia”. (TRAQUINA, 2008, p.63).



Optamos pelo conceito de Traquina (2008) para conceituar o que é noticiável, por entender que a notícia não é simples espelho da realidade e sim uma série de fatores como as rotinas, que passam pelo ambiente de trabalho e vão até o grau de formação e conhecimento de mundo do jornalista. Dentro desse contexto, os critérios de noticiabilidade seriam importantes para guiar alguns dos comportamentos que nortearão a produção do conteúdo jornalístico.

3.2 Valores notícias

Valores notícias seriam mapas que norteiam a percepção do jornalista, mas não um manual que não possa ser modificado. Autores os descrevem como pontos que influenciariam o agendamento noticioso dentro do ponto de vista do jornalista, tido como agente principal do mecanismo de escolha do que é noticiável ou não.

Traquina (2008) por sua vez, identifica a relevância, a novidade e o tempo como três valores notícia. (TRAQUINA, 2008, p.81) Traquina (2008) também chama a atenção para fatores como: amplificação, relevância, personalização, dramatização e consonância (TRAQUINA, 2008, p.91-3)

Em seguida, Traquina (2008.) cita mais dois grupos que seriam levados em consideração para a produção de notícias. Seriam eles, os critérios substantivos e contextuais. (WOLF, 1987 em Traquina, 2008, p.78)

Os contextuais diriam respeito ao contexto em que a notícia é proibida. Como valores substantivos, Traquina aponta a notoriedade do personagem da eventual notícia, a proximidade em termos culturais e geográficos, a relevância do assunto, a novidade da informação e o tempo que poderá manter-se em destaque.

Ainda tratando desses ditos valores de seleção, Traquina chama a atenção para a Notabilidade (inversão, o contrário do normal), Inesperado (aquilo que surpreende a expectativa da comunidade jornalística), Conflito ou controvérsia (violência física ou simbólica entre partes concorrentes) e Infração (violação ou transgressão de regras), Escândalo (dá ao jornalista o papel de “cão de guarda” das instituições democráticas). (TRAQUINA, 2008, p.83-85)

Após apresentados esses pontos, é possível dizer que esse trabalho entende a notícia como recorte construído de uma realidade, com valores que tornam algo merecedor de ser



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014

tornado público em um meio de comunicação e que esse “algo” perpasse por critérios substantivos e contextuais, mediados por um agente que o divulga.

4. Os jornais

No Brasil, o site analisado foi o G1, que está no ar desde 18 de setembro de 2006. É um produto das Organizações Globo e ocupa a 6ª posição no ranking do medidor de acessos Alexa.com. Vem buscando atualizar-se ano após ano. Quando comemorou os quatro anos no ar, fez questão em deixar claro esse fato.

De 2006 para cá, o portal passou por mudanças de visual e de conteúdo. Foi ampliada a cobertura de temas como carros, concursos e games e foi criada uma seção de jornalismo colaborativo, o VC no G1. Na parte gráfica, fizemos duas grandes reformas, em 2007 e em 2010. Nos dois casos, o objetivo geral foi facilitar a navegação e expor de modo mais apropriado o vasto conteúdo que temos. (G1, 20108)

Outro site analisado será o “La Nación” (Argentina) (www.lanacion.com.ar), diário com quase de 140 anos de existência. Segundo o medidor Alexa.com é o mais acessado do país em se tratando de jornalismo, ocupando a 8ª posição no ranking de cliques da ferramenta da Amazon.com. O diário só fica atrás de sites de entretenimento e redes sociais internacionais, mas, entre os veículos de informação é o mais acessado. (Disponível em <http://www.alexa.com/siteinfo/lanacion.com.ar>)

El 4 de enero de 1870 salieron a la calle los primeros 1.000 ejemplares de uno de los diarios más antiguos de la Argentina. Bartolomé Mitre, quien en ese entonces ya había sido gobernador de la provincia de Buenos Aires, presidente de la República y comandante en jefe de las tropas argentinas en la guerra contra el Paraguay, decidió retomar su vocación juvenil de periodista y poner en marcha el diario La Nación como su director gerente. (BERGER, 2003, p.120)

A história do site La Nación começa em 2001, quando o grupo após passar por um período tumultuado na administração da empresa resolve migrar conteúdo também para a Internet, até então uma aposta de sucesso para o jornalismo e novidade para investigadores em comunicação. (BERGER, 2003, p.121)

Já o ABC Color (www.abc.com.py) do Paraguai nasce em 08 de agosto de 1967, durante a ditadura de Alfredo Stroessner. Como o jornal começou a fazer críticas ao regime, em 1984 foi fechado por tempo indeterminado, só voltando a circular cinco anos depois, com o final da ditadura no país. (ABC Digital, 2008)

⁸ Disponível em . Acesso em www.g1.com.br



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014

Em 1996 nascia o ABC Color Digital, site de notícias que hoje ocupa o 5º lugar entre os sites mais acessados do Paraguai e o primeiro lugar entre os sites de notícia. Um dos diferenciais do site é que ele traz artigos em espanhol e em idioma guarani, a segunda língua do país vizinho (ABC Digital, 2008).

No Uruguai o site estudado será o El País (www.elpais.com.uy), fundado em 1918 e em 1996 aderiu à era digital. Hoje é um dos mais acessados do Uruguai, ocupando a 6ª posição no ranking geral do Alexa e sendo o primeiro na referência de jornalismo.

El diario El País, fundado en 1918, esta en la web desde 1996. Comenzó tímidamente, en una sección más cercana físicamente a la administración que a la sala de redacción, hasta llegar hoy a ser un portal con siete servidores, uno de ellos - el adserver- capaz de segmentar y distribuir la publicidad a la medida de cada anunciante y según el país desde el cual se acceda. (GORDANO, 2006, p.03)

5. Método de análise

As notícias foram recuperadas nos buscadores dos arquivos dos sites. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Guerra Guasu, Guerra Grande, Guerra Del 70, Guerra Paraguai, Guerra Paraguay, Triple Alianza e Tríplíce Aliança. Foram encontrados seis registros no G1, duas no La Nación, 62 no ABC Color e 23 no El País.

As notícias foram então separadas em:

Diretamente relacionadas à guerra: que tratam sobre a guerra, seus desdobramentos/conseqüências ou que relembram combates e datas comemorativas/históricas sobre o conflito;

Indiretamente relacionadas à guerra: nomes de ruas, pontos de referência, nomes de espetáculo culturais, de cidades, vilarejos ou pessoas;

Propagandas literárias: textos sobre obras que têm como tema a guerra, editada por jornais dos países. Por tratarem diretamente do tema da guerra, essas publicações também estão inseridas dentro dos temas “Diretamente relacionados à guerra”.

Em seguida, houve nova análise, dessa vez quanto ao protagonismo, onde foram classificadas em versão “Paraguai vítima”, que aponta os aliados como agressores, versão “Paraguai culpado”, que aponta o Paraguai como causador do conflito e versão “neutra”, que não se refere à nenhuma das duas anteriores.

Da mesma forma as “Propagandas literárias” também foram classificadas em versão “Paraguai vítima”, versão “Paraguai culpado” e versão “neutra”.



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014

6. Resultados das análises

No site argentino foram encontradas duas notícias com as palavras-chave buscadas. As duas não falavam diretamente do tema Guerra do Paraguai, a citavam na agenda cultural como nomes de documentário que seria transmitido em festival interno do país.

No jornal brasileiro, o número de notícias é de seis, onde temos um quadro de lembrança que remete à três localidades geográficas que no contexto da guerra, foram importantes. A primeira a cidade do Rio de Janeiro, onde o Museu Imperial foi notícia por um prêmio que ganhou por possuir um rico acervo documental sobre o período do conflito no Paraguai. O Rio era a capital do Império e o museu foi criado para registrar as memórias desse mesmo Império. Depois aparece uma notícia sobre nomes de ruas que remetiam à guerra em Cuiabá, que era a capital do Mato Grosso uno. Mesmo as invasões tendo ocorrido no sul do Estado (hoje Mato Grosso do Sul), o medo da invasão de Cuiabá foi constante.

Por último, militares de Uruguiana lembram a rendição paraguaia na cidade, que foi reconquistada após um cerco às tropas de Lopez. As outras notícias tratam de acontecimentos menores, uma diretamente e as outras duas indiretamente. Logo, são quatro notícias diretamente relacionadas à guerra e duas indiretamente, com quatro versões do Paraguai como culpado e uma neutra.

Já no jornal do Uruguai, apareceram 23 resultados, sendo 22 citações indiretas e uma direta. Porém, mesmo sendo indiretas, das vezes em que o conflito foi lembrado no meio dos textos, o Paraguai aparecia como vítima em 11 casos e a neutralidade marcava 12 publicações.

Dentro do estudo, o quadro que mais chama a atenção é o caso paraguaio, onde foram encontrados 62 registros, dos quais 31 foram diretamente referentes à guerra. Outros 31 lembravam indiretamente do conflito. Treze notícias eram “propagandas literárias” e foram inseridas dentro de notícias “diretamente relacionadas à guerra”, conforme informado nos procedimentos de análise. O Paraguai aparecia como vítima em 30 casos, em nenhuma como culpado e em 19 de forma neutra. As propagandas literárias registram nove obras tendo o Paraguai como vítima; uma do Paraguai como culpado e três visões neutras.

Nessa pré-análise, é possível dizer ao menos, que em maior ou menor escala, a Guerra do Paraguai ainda é um assunto com noticiabilidade suficiente em todos os países envolvidos, com destaque para o Paraguai e em seguida para o Uruguai, justamente o



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014

primeiro o país que foi derrotado e o segundo o país que motivou os protestos de Lopez e que o levaram à guerra. No Brasil, notícias esporádicas e na Argentina um silenciamento no período analisado.

Conclusão

Após a análise das notícias é possível dizer que no Paraguai, por ter sido esse país o mais afetado pelos combates, por ter sido invadido pelos aliados e por ter perdido boa parte de sua população, principalmente a masculina, a memória do conflito é evocada com mais frequência pelo jornalismo.

Tal fato poderia ser explicado pelo fato da própria guerra ter valores substantivos como notabilidade, inesperado, conflito ou controvérsia, infração e escândalo, por exemplo. Quando esses valores fazem parte de um fato histórico que ainda hoje afeta o país, seria natural lembrar dele nos noticiários, já que o jornalismo recorta e divulga pedaços da dita realidade. Se ainda hoje a realidade paraguaia enxerga no embate contra os aliados boa parte das raízes dos problemas que o país enfrenta, nada mais coerente que o ABC Color reproduzir essa mentalidade.

Os aliados, principalmente o Brasil, ainda seriam os vilões da história. Aliás, essa apropriação é bastante presente também na história política do país, com a reabilitação de Solano Lopez de traidor do povo à herói nacional, o que ocorreu no período em que militares e políticos ligados ao antigo regime do ex-presidente se aglutinaram no Partido Colorado e chegaram ao poder, principalmente a partir da década de 30, quando o coronel Rafael Franco governou. (ASSUNÇÃO, 2012, p.158)

O terreno vinha sendo preparado desde o pós-guerra por Juan Emiliano O’Leary (1883-1969) e pelo filho mais jovem de Lopez, Enrique Venancio, que após exilado na Europa por vontade própria, retornou ao país para reaver bens que dizia pertencerem à sua família. (ASSUNÇÃO, 2012, p.161-164)

Mais tarde, em 1936, seria terminado o Panteão dos Heróis em Assunção e os restos mortais de Lopez seriam levados de Cerro Corá para a capital. Em 1950, o ditador Alfredo Stroessner reivindicaria para si os valores lopistas como forma de se legitimar no poder, trabalhando com o “apelo emocional e patriótico”. (ASSUNÇÃO, 2012, p.165)

No Brasil, a guerra, como ocorre em outros eventos bélicos, não é lembrada com tanta frequência pela imprensa, talvez porque o conflito remeta ao militarismo, que



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014

automaticamente pode ser ligado ao período do regime ditatorial que marcou o país de 1964-85.

Outro fator é a luta dos pontos de vista sobre o conflito, que foi tratado primeiramente de modo ufanista, por militares e ex-combatentes, depois revisto por uma corrente esquerdista que muito se assemelha aos autores que vêem o Paraguai como vítima do imperialismo brasileiro e que atualmente aglutina os dois pontos de vista em visões que ao final têm como objetivo trazer uma interpretação menos apaixonada, entendendo a contenda muito mais como resultado de disputas de poder na região do Prata na época.

Além do mais, pode-se dizer ainda que dentro dos valores notícias, alguns se sobrepõem sobre outros e o assunto “Guerra do Paraguai” pode ter sido um desses temas que foram substituídos por outros que, ao olhar de quem selecionou o conteúdo no G1, era mais importante. Isso poderia explicar, por exemplo, o fato de umas das matérias só ter sido feita em data comemorativa. As outras são feitas à título de curiosidade sobre o tema.

No Uruguai, chama a atenção o fato da guerra ser lembrada sempre que o El País queria se referir à algum acontecimento que entendia como injusto no campo de vista político ou econômico. Para isso lembrava da defesa de Paysandu, que motivou protestos paraguaios e em seguida a guerra. As reclamações eram muito mais dirigidas à Argentina que ao Brasil, com expressões como “liberalismo portenho”, ou “cúmplices de genocídio”.

Quanto ao comportamento do La Nación da Argentina, em não ter noticiário específico sobre a guerra, exceto duas propagandas de documentário sobre o tema e em forma de nota, pode-se dizer que se deu o mesmo que no Brasil, talvez uma substituição da guerra por outro assunto com mais valores notícias, o que no caso argentino resultou em um silenciamento quanto ao embate, dentro do jornal.

Juntando essas quatro posições, há um quadro interessante, onde o Brasil assume a postura de vencedor, falando sobre suas vitórias; a Argentina se cala; o Uruguai se solidariza com uma versão paraguaia do país como vítima (lembramos que o Uruguai também foi invadido pelo Brasil, antes do Paraguai) e onde o Paraguai assume uma postura de vítima e busca convencer o usuário dessa posição assumida, tratando como genocídio, infâmia, invasão, latrocínio, entre outros adjetivos que atribuem aos aliados atos de agressão para início do conflito e abusos contra a população e contra prisioneiros.



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014

A única notícia negativa ao Paraguai é uma crítica aos julgamentos de San Fernando, quando Lopez se sentiu ameaçado e espionado, julgou e autorizou a morte de centenas de pessoas que o seguiam na marcha até Cerro Corá.

A Guerra do Paraguai como vemos, ainda é assunto que pode render pautas, mesmo tantos anos após seu término e que a forma de noticiar histórias e fatos relacionados ao tema são influenciadas pela maneira como a história do conflito foi popularizada no país, exceto na Argentina, onde não é possível uma análise desse tipo.

Logo, ficam abertos espaços para novas pesquisas sobre esse enquadramento noticioso que a guerra tem nos veículos de comunicação, quem sabe, sobre a rotina de produção dos mesmos e como os jornalistas dessas redações vêem o conflito, como essa visão influencia na produção de conteúdo, o que não é o objetivo desse trabalho.

Referências Bibliográficas

ARAKAKI, S. Dourados: memórias e representações de 1964. Dourados/MS: Editora UEMS, 2008.

ASSUNÇÃO, Moacyr. Nem heróis, nem vilões: curepas, caboclos, cambas, macaquitos e outras revelações da sangrenta Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Record, 2012.

BERGER, Gabriel. El diario La Nación y la Red Solidaria. Academia, Revista Latino Americana de Administración, 31, Cadea, Bogotá, 2003

Brasil Escola. Disponível em <http://www.brasilecola.com/historia-da-america/historia-paraguai.htm>. Acesso em 13 de julho de 2014

CAMPOS, Herib Caballero. Disponível em http://www.portalguarani.com/obras_autores_detalles.php?id_obras=14217. Acesso em 13 de julho de 2014

CÁRCANO, R. J. Guerra del Paraguay: acción y reacción de la Triple Alianza. In: DORATIOTO, F. F. M.. Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.465.

CHIAVENATO, J. J. Stroessner: retrato de uma ditadura. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CREMONESE-ADAMO, Camila . "Dourados: Terra de Antônio João" - Considerações sobre a construção e incorporação da figura heróica de Antônio João na cidade de Dourados/MS. In: III Simpósio Internacional sobre Religiosidades, Diálogos Culturais e Híbridas, 2009, Campo Grande. III Simpósio Internacional sobre Religiosidades, Diálogos Culturais e Híbridas. Campo Grande: UFMS, 2009. p. 1-6.

Doratioto, Francisco. 2002. Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras.



INTERCOM

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014

GUIMARÃES, Acyr Vaz. A Guerra do Paraguai: verdades e mentiras. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2000

LAVARDA, M. T. B. A iconografia da Guerra do Paraguai e o periódico Semana Illustrada (1865-70): um discurso visual. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados, para a obtenção do título de Mestre em História. Dourados, MS, 2009.

MS JÁ. Disponível em <http://www.msja.com.br/noticias/cidades/voce-sabe-o-que-significa-nhandipa-o-ms-ja-explica-confira>. Acesso em 08/07/2014.

Municipalidad de Mariano Roque Alonso. Disponível em <http://municipalidaddemarianoroquealonso.gov.py/historia.html>. Acesso em 13 de julho de 2014

PAGNI, F. La metamorfosis de Francisco Solano López. 2009. Disponível em: <<http://migre.me/6d5kH>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

RASTIER, Renato. Embarcações Blindadas. In Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 6, nº70, julho de 2011. p.34-35

SALES, Thiago Rabelo . As relações entre o Brasil e o Paraguai no contexto do pós-guerra (1870-1875). In: XXIV Simpósio Nacional de História - História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos, 2007, São Leopoldo. XXIV Simpósio Nacional de História - História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo, 2007.

SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SOUSA, Jorge Pedro (2004). Construindo uma Teoria Multifactorial da Notícia como uma Teoria do Jornalismo. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-multifactorial-jornalismo.pdf>. Acesso em 04/09/2012

TORAL, André. Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2 ed. 2008.

VAS, Braz Batista. Parecia uma Tempestade. In Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 6, nº70, julho de 2011. p.32-33

WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

www.abc.com.py

www.alexacom.com

www.elpais.com.uy

www.lanacion.com.ar